

# **PESQUISA MATERIALISTA HISTÓRICA EM EDUCAÇÃO: DESAFIOS E CONTRADIÇÕES**

## **O DESAFIO DA SUPERAÇÃO DO PENSAMENTO FRAGMENTADO NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO**

Marcio Bernardes de Carvalho<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O artigo tem como objetivo discutir e analisar questões teóricas estruturantes para a pesquisa materialista histórica. Visando garantir uma reflexão inicial sobre o tema serão abordados os desafios e contradições do conceito de ciência, dialética, história e luta de classes como preliminares para o debate dentro do campo da educação. O artigo se apoiará centralmente nas obras de Álvaro Vieira Pinto, especificamente o livro *Ciência e Existência*, em Caio Prado Junior, especificamente a obra *Notas introdutórias à Lógica Dialética*, e Antonio Gramsci, na obra *Concepção Dialética de História*. Secundariamente serão utilizados György Luckács e Dermeval Saviani.

*Palavras-chave:* Materialismo histórico. Educação. Dialética. História.

### **RESUMEN**

El artículo tiene como objetivo discutir y analizar la estructuración de preguntas teóricas para la investigación materialista histórica. Para asegurar una reflexión inicial sobre el tema, los desafíos y contradicciones del concepto de ciencia, dialéctica, historia y lucha de clases se abordarán como preliminares al debate dentro del campo de la educación. El artículo se basará centralmente en los trabajos de Álvaro Vieira Pinto, especificamente el libro *Ciencia y existencia*, de Caio Prado Junior, especificamente el libro *Notas introductorias a la lógica dialéctica*, y Antonio Gramsci, en el libro *Concepción dialéctica de la historia*. En segundo lugar, se utilizarán György Luckács y Dermeval Saviani.

*Palabras clave:* Materialismo histórico. Educación. Dialéctica. Historia.

---

<sup>1</sup> Doutorado em andamento em Educação Universidade Tuiuti do Paraná, UTP, Curitiba, Brasil. Graduação em História. Faculdades Integradas Espírita, FIES, Brasil. marciojr8@yahoo.com.br / <https://orcid.org/0000-0003-2983-3930>

## INTRODUÇÃO

Podemos encontrar nas pesquisas voltadas para a área da Educação no Brasil uma diversidade de perspectivas teóricas que, dentro de sua coerência científica, produzem análises e críticas sobre o processo de desenvolvimento da educação em nosso país desde os primórdios do Brasil Colônia. Para Saviani (1991) a partir do século XIX ganham contornos definidos algumas concepções de Filosofia da Educação no Brasil, sendo que, no século posterior, pode-se identificar quatro grandes linhas: 1) "humanista" tradicional; 2) "humanista" moderna; analítica; e 4) dialética.

O aumento do número de produções acadêmicas nas últimas décadas tem sido afetada diretamente pela disputa teórica entre três frentes, as quais podemos caracterizar como: a) o projeto da classe dominante de manutenção e ampliação dos seus privilégios, lucros e controle da máquina pública; b) uma ação militante de resistência à destruição da escola pública; e c) uma fração da classe trabalhadora que produz teoricamente para libertar sua classe da opressão dos dominantes, sendo que por vezes as duas últimas frentes tendem a andar unidas, por vezes não.

As tensões nas disputas teóricas e acadêmicas unidas ao elemento de conciliação entre interesses inconciliáveis da classe trabalhadora e da burguesia no campo da ciência também produz distorções teóricas que, em muitos casos, não contribuem para a solução dos problemas sociais ou mesmo uma análise aproximada da realidade concreta que auxilie na compressão do real.

Aqui surge uma primeira reflexão sobre a pesquisa, o que podemos chamar de "real"? Uma segunda reflexão pode questionar sobre o papel da ciência nesta busca pela realidade concreta.

A pesquisa com base teórica materialista histórica necessita reafirmar algumas questões preliminares para não incorrer em erros ou equívocos teóricos.

A primeira preliminar é considerar a ciência, conforme descreve Álvaro Vieira Pinto (1979, p. 63), como sendo "a forma superior do processo de conhecimento" de uma realidade em movimento, dialética, onde podemos identificar o processo histórico das contradições e enfrentamentos entre os indivíduos, ou seja, a ciência como elemento primordial de compreensão da realidade e de produção de conhecimento para esta sociedade.

Uma segunda questão é a afirmação de que a realidade para o materialista histórico é sempre dialética. Para os metafísicos é o pensamento, a ideia que se estabelece, independente da história. Os materialistas defendem que as ações humanas se refletem no pensamento, desta forma entendem que o movimento da realidade está em constante transformação a partir da ação humana e é esta ação, dentro de uma totalidade, que reflete a realidade concreta.

Como parte de uma realidade dialética sabemos também que a própria concepção de ciência está em permanente disputa. Não nos basta só reconhecer que existem disputas ou embates neste campo, é preciso identificá-los.

Para Pinto (1979, p. 64) existe uma “bifurcação nas possibilidades de concepção de mundo” onde, a primeira compreende o pensamento como estruturante da realidade e por consequência define que “as ideias têm existência absoluta” e, a segunda que compreende que as ideias são o reflexo da realidade material em movimento, dialética.

Para o autor campo do pensamento filosófico também está dividido entre dois mundos, sendo o primeiro de caráter formal, alicerçado pela concepção metafísica e seus matizes de um lado cuja estrutura filosófica permite a análise da realidade a partir da ideia de mundo e assim permite também uma multiplicidade de métodos de pesquisa que não necessitam ter a objetividade ou a razão como princípio.

De outro, não apartado, mas em íntima ligação com o processo anterior, temos o pensamento de natureza dialética que “se identifica com a razão na sua objetividade original” (PINTO, 1979, p. 64) compreendendo que a análise da realidade deve levar em consideração os seres humanos em seu contexto e tempo.

A análise sobre o Ensino Médio no Brasil pode nos auxiliar na compreensão sobre como estas correntes influenciam, ou podem influenciar, as pesquisas em educação. Quando na análise sobre o Ensino Médio, o pesquisador leva em consideração a Lei n. 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB) a análise desta legislação pode adotar diversos caminhos, os principais quase sempre se diferenciam pela concepção de realidade. No plano ideal e formal a lei é a base da análise, ou seja, é a partir dela que se inicia a análise. Logo, podemos entender que este pesquisador optou pela absolutização da lei, transformando a LDB em uma legislação que se autodefine e autoproclama, uma ideia estruturada, quase imanente.

Já na lógica dialética a mesma legislação é concebida como produto da correlação de forças de um dado momento histórico, fruto de múltiplas determinações que não se resolvem na lei em si, mas se expressam nesta de forma objetiva quando da análise do seu processo de debate, construção e aprovação. Ou seja, aqui nos importa frisar também a importância da história como princípio estruturante das análises materialistas. Não é possível expressar o concreto real nas análises sobre educação sem a compreensão do movimento da realidade e de seu processo histórico.

Para Gramsci (1978, p. 32):

A filosofia de uma época histórica, portanto, não é senão a "história" desta mesma época, não é senão a massa de variações que o grupo dirigente conseguiu determinar na realidade precedente: neste sentido, história e filosofia são inseparáveis, formam um "bloco". Os elementos filosóficos propriamente ditos, porém, podem ser "distinguidos", em todos os seus diversos graus: como filosofia dos filósofos, como concepções dos grupos dirigentes (cultura filosófica) e como religiões das grandes massas: e pode-se ver como, em cada um destes graus, ocorrem formas diversas de "combinação" ideológica.

Se para nós a realidade é produto da ação dos seres humanos (ação concreta, material) em uma dada época (período histórico), são as contradições deste conjunto o contexto da nossa pesquisa. Orientar a pesquisa através de um conceito fixo, uma ideia permanente é característica da lógica formal, do pensamento metafísico que sobrepõe o pensamento à realidade concreta.

Neste momento é importante frisar que quando tratamos de produção científica é necessário que apresentemos coerência metodológica visando garantir a sociedade uma produção que possua, minimamente, função social. Mesmo compreendendo que as concepções ou mundos de pensamento coexistem no movimento da realidade, no campo da produção científica estas concepções ou mundos de pensamento estruturam métodos que fundamentam sua lógica interna, que dão coerência ao próprio pensamento.

Acrescenta-se aqui a categoria luta de classes na análise materialista para afirmar que o conjunto dos debates sobre a visão

de humanidade e seu desenvolvimento estão envolvidos e submersos no antagonismo irreconciliável entre burguesia e classe trabalhadora.

Neste momento se torna necessário retomar os elementos constitutivos da pesquisa materialista histórica apresentadas até o momento: 1) a ciência, como forma superior de conhecimento; 2) a realidade, que para o materialista histórico é sempre dialética; 3) a história, como princípio estruturante das pesquisas materialistas; e 4) a luta de classes, como categoria essencial de análise.

Este conjunto (ciência/dialética/história/luta de classes) cria as condições mínimas para a reflexão materialista da educação brasileira, em especial do Ensino Médio. Tratamos até agora de retomar pontos que compreendemos como fundamentais para a análise da realidade concreta, ou mesmo para a produção científica coerente dentro da teoria social que chamamos de materialismo histórico. Isolados estes elementos continuam tendo a mesma coerência ao tratarmos de tais assuntos científicos, porém é em sua união como conjunto dentro da pesquisa educacional que podemos verificar certas limitações conceituais ou teóricas da aplicação do método.

Recapitulando o movimento deste conjunto, é necessário que o pesquisador compreenda a função social da ciência dentro da nossa sociedade e que esta mesma nos exige a compreensão da lógica racional e da aplicação de método científico. Sendo assim compreendemos o movimento do real sendo dialético, ou seja, apenas a ação humana historicamente contextualizada poderá no fornecer os elementos para qualquer análise criteriosa. E dentro desta análise é sempre essencial pontuar as relações entre burgueses e classe trabalhadora.

Mesmo que a utilização parcial destes elementos possa sugerir uma aproximação com o campo materialista trata-se de uma mera "aproximação" pois, no campo das disputas teóricas, é necessário que o pesquisador prime pela utilização coerente destes elementos assegurando que sua análise está metodologicamente fundamentada.

## **A NECESSÁRIA DEFESA DA CIÊNCIA**

O período histórico que comumente chamamos de *Idade das Trevas* representou inicialmente o declínio na qualidade da literatura de 1330, segundo o italiano Francesco Petrarca (1304-1374) (*apud SEVCENKO, 1986, p.15*), que se solidifica com a consolidação do

movimento de valorização da razão, vulgarmente conhecido como *iluminismo*. Para os simplificadores da história a valorização da razão é a superação da *Idade das Trevas*. Tal afirmação caminha na direção certa, porém é prudente que todo materialista não cometa o erro da generalização, é necessário frisar que estamos refletindo sobre uma percepção de realidade ligada a Europa entre os séculos V e XV.

A valorização da razão foi o campo fértil para a consolidação da lógica e da objetividade, elementos estruturantes do conhecimento superior que chamamos de ciência. Porém, como qualquer movimento social de transformação ou de alteração das bases sociais, o Iluminismo surge como movimento revolucionário de transformação social, entretanto a ascensão da burguesia ao poder retira do movimento a possibilidade de democratização do acesso aos meios de produção, fazendo uma transição de poder dos monarcas para os burgueses.

Assim, narrativa do movimento não mudou no plano das ideias e nos livros de história escritos sob a supervisão destes mesmos burgueses. Mesmo com o desenvolvimento científico dos últimos séculos não foi possível, em termos gerais, uma real socialização do conhecimento científico que possibilitasse o conjunto das nações se libertarem da opressão dos burgueses, pelo contrário, ao apoderar-se do poder econômico e político, a burguesia distanciou o conjunto das sociedades da ciência impondo uma nova idade das trevas capitaneada pelo controle dos meios de comunicação de massa.

O capitalismo avançou e concentrou o controle dos meios de produção do planeta cada vez mais nas mãos de poucas pessoas. Nosso atual momento é de mais uma crise do sistema capitalista, uma crise de representação institucional e de produção onde se acirra a contradição entre os donos e controladores dos meios de produção e aqueles que só possuem sua força de trabalho para vender.

A crise de representação institucional que hoje vivenciamos é fruto da limitação do sistema capitalista de assegurar o pleno funcionamento das instituições, em especial das públicas, pois estas em seu pleno funcionamento limitariam os privilégios da classe dominante bem como teriam de agir para desconcentrar as riquezas que hoje estão cada vez mais monopolizadas em todo o planeta por um grupo reduzidos de indivíduos. Como a ciência está sendo desenvolvida dentro deste sistema que está em crise permanente existe uma tendência de imputar também uma crise à ciência.

O sistema capitalista subverteu a função social da ciência colocando-a à serviço do pensamento mercadológico e abafando o conjunto das iniciativas que poderiam representar um diferencial na vida dos seres humanos. Para exemplificar podemos citar o controle das indústrias farmacêuticas sobre o conjunto de pesquisas na área da saúde. Trata-se de um monopólio que controla a produção científica e esconde seu desenvolvimento para garantir os lucros da venda dos seus produtos, bem como também tem o poder de tornar um produto obsoleto se isso for aumentar sua arrecadação.

Romper este ciclo onde a ciência vira um produto do capital é necessário para diminuir as desigualdades sociais e melhorar a qualidade de vida dos seres humanos e sua relação com a natureza.

A proposta dos materialistas é a união entre ciência e filosofia. O capitalismo impôs a submissão da filosofia à ciência e por consequência a hegemonia da perspectiva lógico matemática no desenvolvimento das ciências.

Ao refletir sobre a importância da ciência no processo histórico de hominização Pinto (1979, p. 83) conclui:

A ciência sendo a forma mais elevada do conhecimento, participa das mesmas condições gerais que caracterizam a este, isto é, pertence ao complexo de relações que se estabelecem entre o ser vivo, no caso do homem, e a realidade circunstante. Não é o produto arbitrário do pensamento, não é especulativa por natureza, mas representa a forma mais completa em que se realiza a integração, a adaptação do homem a realidade. Constitui-se simultaneamente como possibilidade de transposição do mundo para o interior do homem, pelo reflexo dos processos exteriores que determinam o pensamento, e pela imersão do homem no mundo, mediante a capacidade de ação sobre as coisas. A ciência é a forma de resposta adaptativa de que somente o homem se revela capaz por ser o animal que vence as resistências do meio mediante o conhecimento dos fenômenos, ou seja, mediante a produção da sua existência individual e a da espécie. Adapta-se ao mundo porque o adapta a si, ao descobrir as razões lógicas das coisas e dos acontecimentos, e ao modificá-las de tal maneira que sirvam ao propósito de assegurar sua subsistência.

A ciência como forma mais elevada de conhecimento precisa ser recolocada a serviço do povo e da existência humana coletiva, a narrativa “renovadora” do conhecimento humano que se baseia na crítica a objetividade e a lógica é um regresso a mistificação do mundo e do conhecimento.

Todo questionamento faz parte do exercício de pensamento científico, porém existem muitas críticas dirigidas à ciência que, quando expostas de forma generalista, chegam ao ponto de antropomorfizar<sup>2</sup> essa forma de produção do conhecimento como se a ciência, por si só, executasse as suas atividades e não a ação humana.

Retomando os quatro elementos (ciência/dialética/história/luta de classes) que acreditamos constituir essencialmente a pesquisa materialista utilizamos a ciência em sua forma elevada de conhecimento para conhecer, reconhecer e analisar a realidade. O enfraquecimento ou distanciamento da ciência só favorece a lógica capitalista.

Para alguns, a crítica banal a ciência pode até massagear o seu próprio ego ou de um pequeno grupo de rasos pensadores, mas não auxilia a resolver os grandes problemas da sociedade que só a ciência poderá proporcionar. A pesquisa materialista se propõe a auxiliar na identificação e na proposição de soluções para os grandes problemas da humanidade e abre mão das disputas limitadas ao campo do ego ou debates de “intestinais”, por assim dizer.

Desta forma, a formação dos trabalhadores brasileiros, basicamente sustentada na experiência, deve se tornar uma ação científica de libertação da opressão do capitalismo.

## **DIALÉTICA, O MOVIMENTO DO REAL**

Utilizaremos neste artigo a dialética como “método lógico”, conforme Caio Prado Junior definiu na obra *Notas introdutórias à Lógica Dialética* (1959), entendendo que ela nos fornecerá “normas de análise e pesquisa dos fatos da Natureza” (Idem, p. 8). Ao citar o capítulo IV do livro *A história do Partido Comunista da U.R.S.S.* dedicado a explicação sobre a dialética o autor apresenta o seguinte recorte:

---

2 Segundo o dicionário “antropomorfizar” significa “adquirir forma humana”. Disponível em <https://www.dicio.com.br/antropomorfizar/>. Acesso em 03 de jan. 2020.

- a) Contrariamente à metafísica, a dialética olha a natureza, não como uma acumulação acidental de objetos, de fenômenos destacados, isolados e independentes uns dos outros, mas como um todo unido, coerente, onde os objetos, os fenômenos são ligados organicamente entre si, dependem uns dos outros e se condicionam reciprocamente.
- b) Contrariamente à metafísica, a dialética olha a natureza não como um estado de repouso e de imobilidade, de estagnação e imutabilidade, mas como um estado de movimento e mudança perpétuos, de renovação e desenvolvimento incessantes, onde sempre algo nasce e se desenvolve, e algo se desagrega e desaparece.
- c) Contrariamente à metafísica, a dialética considera o processo do desenvolvimento não como um simples processo de crescimento em que as mudanças quantitativas não resultam em mudanças qualitativas, mas como um desenvolvimento que passa de mudanças quantitativas insignificantes e latentes a mudanças aparentes e radicais, a mudanças qualitativas; em que as mudanças não são graduais, mas rápidas, súbitas, e operando por saltos de um estado a outro; elas são o resultado da acumulação de mudanças quantitativas insensíveis e graduais.
- d) Contrariamente à metafísica, a dialética parte do ponto de vista que os objetos e fenômenos da natureza implicam contradições internas, porquanto eles tem sempre um lado negativo e um lado positivo, um passado e um futuro, todos tem elementos que desaparecem ou que se desenvolvem; a luta desses contrários, a luta do antigo e do novo, entre o que morre e o que nasce, entre o que perece e o que se desenvolve é o conteúdo interno do processo de desenvolvimento, da conversão das mudanças quantitativas em mudanças qualitativas (PRADO JUNIOR, 1959, p. 7-8).

A utilização da dialética como método lógico compreende uma perspectiva de um todo unido e integrado onde a interação dos seres com o meio ambiente e entre si estabelece mudanças constantes, renovações ou até mesmo saltos. O movimento da realidade não possui estabilidade ou permanência de padrões imutáveis seja nas relações entre os seres e a natureza ou nas relações entre os indivíduos.

Para Luckács (2012, p. 67), a dialética é um processo contínuo e fluído de uma determinação da realidade para outra, "uma superação permanente dos contrários" onde o positivo e o negativo estão

presentes no mesmo processo em uma ação recíproca e em pleno movimento, não no plano do pensamento para a realidade, mas da ação humana materializada para o pensamento.

Nas pesquisas em educação que assumem o materialismo como teoria social e não utilizam a dialética como método lógico encontramos a fragmentação de análises onde a separação dos elementos, objetos ou capítulos não conseguem criar um ambiente de harmonia, integração ou de explicitação das contradições quando unidos. Exemplifiquemos com a união entre análise econômica e pedagógica. Se a pesquisa se propõe a identificar a conexão entre o processo educacional e o desenvolvimento econômico e não leva em consideração as forças produtivas e a estrutura de produção do Brasil, por exemplo, não conseguirá demonstrar as contradições do próprio processo pois sua conexão com a área econômica está somente no plano da ideia, do que se pensa por economia ou por uma ideia de forças produtivas que nem sempre será exatamente o que existe no país ou naquela localidade.

Na ótica formal a teoria pode até ter alguma sintonia, porém será perceptível que as considerações finais não oferecem nada de objetivo para o tema estudado além de indicações ou ideias gerais, uma vez que a ligação da perspectiva econômica, neste caso, está desconectada com os demais elementos da realidade e a análise da ideia (metafísica) não conseguirá demonstrar as contradições internas ou mesmo se existem mudanças qualitativas, quantitativas ou saltos no processo analisado. No nosso entendimento somente o método dialético conseguirá alcançar tal objetivo.

O movimento do real fica demonstrado na lógica dialética através das ligações e contradições entre elementos e fenômenos, quando a pesquisa utiliza somente parte do real e tenta conectar-se a uma ideia (metafísica) que aparenta ser parte desta realidade acaba por não demonstrar a união do todo.

## **HISTÓRIA COMO CAMPO DOS EMBATES**

A pesquisa em educação analisa e interpreta a realidade através da materialidade histórica produzida socialmente, sua fonte é o empírico que após ser banhado por elaborações teóricas pode chegar ao chamado "empírico renovado" ou como alguns autores denominam, o concreto em si.

O que chamamos de materialidade histórica é a ação humana nas suas relações, seja entre indivíduos ou com a natureza. O acúmulo da ação humana produz o que chamamos de processo histórico. É processo pois é contínuo e cumulativo, não do ponto de vista formal idealista de evolução ou avanço permanente, mas cumulativo pois acumula no processo o conjunto ações e fenômenos que o constitui (como processo).

Para completar o conceito é necessário também afirmar que a História é um processo de desenvolvimento das forças produtivas onde o trabalho, também como conceito, é estruturante para a compreensão de indivíduo e sociedade em movimento. Assim, a ação materialista histórica na pesquisa educacional precisa ficar atenta ao que é materializado na realidade e não somente à narração da realidade. Aqui reside a disputa entre o concreto e a idealização. Ainda existe muito campo de estudo, em especial na educação pública, onde é necessário separar o proferido na legislação, o concebido teoricamente no plano das ideias e o realizado concretamente.

Reafirmar a história como o campo dos embates dos indivíduos é reestabelecer o ser humano como centro do processo histórico e onde é possível interpretar o movimento do real. É usual dentro dos métodos metafísicos a fragmentação do conhecimento com a justificativa de um possível aprofundamento. É justamente na fragmentação que se perde a perspectiva histórica dando espaço para análises com base mística que sacraliza conceitos ou endeusa indivíduos criando uma realidade paralela que não possui compromisso com a coletividade humana ou com seus problemas, mas sim com a afirmação de suas próprias convicções.

O entendimento que não há historicidade nos fenômenos sociais cria uma justificativa de que existe algo imutável na realidade sendo que esta é produto da ação humana. Se a ação humana criou ela mesma pode alterar. O fantasma da "imutabilidade" sustentado na narrativa da tradição, da ordem ou da transcendência está no horizonte do debate místico, não da pesquisa científica.

## **LUTA DE CLASSES E INTERESSES ANTAGÔNICOS**

A categoria luta de classes na pesquisa em educação se justifica pela compreensão que as relações de produção dentro do

capitalismo produzem um antagonismo irreconciliável entre a classe trabalhadora e a burguesia.

Existe na área da pesquisa educacional certa resistência fora do campo do materialismo histórico de contextualizar a educação dentro das disputas e embates de poder, política e teoria.

Podemos refletir sobre uma possibilidade pontuada por Dermeval Saviani no artigo *Sobre a natureza e especificidade da educação* (1984), no qual, ao debater sobre as fases das disputas no seio da escola, o autor questiona sobre uma possível fase romântica da educação brasileira onde ainda existe uma barreira da passagem do tradicional para uma fase clássica. É possível que a disputa entre dialética e metafísica crie um limbo onde pesquisadores se sintam mais confortáveis com a ideia hegemônica de educação transformadora, que tende a se sustentar somente com as narrativas positivas sem encarar uma contradição ou enfrentamento da realidade social. Mas não podemos creditar a criação deste limbo somente à escolha do indivíduo, pois isso seria um erro dialético.

Dois momentos recentes da luta ideológica no Brasil fertilizaram este ambiente, o primeiro momento data da década de 1990 pós-dissolução da União Soviética onde uma onda revisionista, em parte patrocinada pelos interesses capitalistas, patrocina uma disputa das análises sobre o socialismo e comunismo. Neste momento parece se materializar um refluxo no debate sobre materialismo muito justificado pela perseguição ainda presente dos anos de ditadura militar no Brasil e reforçada pela dissolução da URSS, que é interpretada como derrota do pensamento comunista.

O segundo momento parece ainda estar sendo vivido com a campanha de perseguição a todos os movimentos progressistas e a demonização do "comunismo" como termo a ser empregado para desqualificar qualquer ação política coletiva ou individual.

Como estes momentos materializaram demissões de professores, perseguições públicas e até mesmo violência em alguns momentos, é compreensível que parcela dos pesquisadores e trabalhadores da área da educação sintam-se acuados ou sejam mais discretos em suas produções sobre o tema.

Porém, com o passar dos anos é necessário reafirmar os princípios do materialismo e retomar as análises de forma explícita dando à sociedade o instrumental necessário para o apoio na luta política. Por óbvio a consciência desta tarefa não é de toda classe trabalhadora, mas

deve ser o objetivo da vanguarda organizada da classe trabalhadora ao definir as estratégias de luta contra o capitalismo.

O pesquisador materialista deve estar consciente de sua tarefa de produzir cientificamente, mas também de realizar os enfrentamentos teóricos necessários para garantir o rigor indispensável na pesquisa e apontar, com fundamento, os pontos de fortaleza e fragilidade das interpretações, bem como sugerir caminhos de superação dos problemas.

Desta forma, é indispensável a caracterização de como se materializa a luta de classes dentro da educação brasileira. Uma vez que a exclusão da categoria luta de classes possibilita um falso entendimento de que sozinha a educação pode resolver todos os seus problemas e os da sociedade ou mesmo de um desenvolvimento de processo educacional sem contradições que possivelmente remeta os educadores a práticas autoritárias que negam a contradição ou mesmo tendam a “acabar” com a contradição através de uma mediação de conflitos conciliatória travestida de “ação com valores e princípios” que somente cria e modela sujeitos passivos perante os conflitos dentro das relações sociais.

Dito isso, identificar as contradições no seio da luta de classes torna-se fundamental para apresentar na pesquisa o concreto em si.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo se propôs a analisar algumas questões estruturantes da pesquisa materialista e identificar contradições no seu desenvolvimento ou mesmo limitações impostas pela atual disputa entre burguesia e classe trabalhadora no Brasil.

O exercício de tentar identificar em cada elemento o seu ponto positivo e negativo dialeticamente também nos dá a possibilidade de análise das diversas formas de materialização destas contradições na realidade e, da mesma forma, as possibilidades de superação ou mesmo de enfrentamento tendo como base as disputas teóricas e sociais expressas nas pesquisas.

Por certo, da mesma forma que apresentamos esta análise sabemos que a ela não é uma receita de como fazer, visto que se limita a ser um guia ou uma proposta de reflexão sobre o materialismo dentro dos quatro elementos que nos propomos a analisar sinteticamente.

O contraponto necessário ao que identificamos como materialismo e o que o materialismo realmente é se torna fundamental dentro dos debates acadêmicos para que a “ocultação” da teoria por algum temor de perseguição não acabe por atrofiar o movimento do pensamento teórico da mesma forma que um músculo quando diminui gradativamente o seu esforço ou treinamento.

Como não há, no nosso entendimento, superação ou salto qualitativo que demonstre uma raiz filosófica e científica diferente da metafísica e do materialismo compreendemos que estas duas correntes ainda protagonizam e estruturam o debate teórico nestes campos, sendo necessário frisar que por tempo e pelo movimento do real os mesmos produziram subcorrentes teóricas e científicas que bebem da sua fonte original mesmo proclamando inovação e originalidade. Resta ao pesquisador aprofundar o debate com rigor e revelar a aproximação dessas ditas “novas” teorias com sua essência original, seja ela metafísica ou materialista.

Quando tratamos especificamente sobre educação é importante lembrar que todas as investidas da classe dominante contra a educação brasileira das últimas décadas têm como ponto comum a desintegração, desarticulação, ambiguidade e principalmente as múltiplas identidades teóricas travestidas de democracia. Assim, é importante revelar à classe trabalhadora brasileira a quem serve hoje a educação pública no Brasil e criar as condições objetivas e subjetivas para a construção de uma pedagogia histórico-crítica capaz de, em um primeiro momento, instrumentalizar a classe trabalhadora e seus filhos para uma “leitura” de realidade liberta da opressão e da ideologia burguesa.

## RÉSUMÉ

L'article vise à discuter et analyser des questions théoriques structurantes pour la recherche matérialiste historique. Afin d'assurer une première réflexion sur le sujet, les défis et contradictions du concept de science, dialectique, histoire et lutte de classe seront abordés en amont du débat dans le domaine de l'éducation. L'article sera basé sur les travaux d'Álvaro Vieira Pinto, en particulier le livre *Science and Existence*, de Caio Prado Junior, en particulier le livre *Introductory Notes to Dialectic Logic*, et Antonio Gramsci dans le livre *Dialectical Conception of History*. Secondairement seront utilisés György Luckács et Dermeval Saviani.

**Mots-clés:** Matérialisme historique. Education. Dialectique. Histoire.

## REFERÊNCIAS

- GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da História**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978.
- JUNIOR, Caio Prado. **Notas introdutórias à Lógica Dialética**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959.
- LUCÁKS, György. **História e Consciência de Classe: estudos sobre a dialética marxista**. 2ª. ed. São Paulo: Editora WMF/Martins Fontes, 2012.
- PINTO, Álvaro Vieira. **Ciência e Existência**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.
- SAVIANI, Dermeval. **Sobre a natureza e especificidade da Educação**. Mesa-Redonda sobre a “Natureza e Especificidade da Educação”, realizada pelo INEP, em Brasília, no dia 5 de julho de 1984. Disponível em: <<http://ifibe.edu.br/arq/20150911214634120944442.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2020.
- \_\_\_\_\_. **Tendências e correntes da educação brasileira**. In: MENDES, D. T. Filosofia da educação brasileira, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991. p. 19-47
- SEVCENKO, Nicolau. **O renascimento**. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1986.

Submetido em 13 de Janeiro 2020

Aceito em 20 de Fevereiro 2020

Publicado em 6 de Março 2020

